

AS CIÊNCIAS SOCIAIS CONTRA A ROTINA POLÍTICA

DJACIR MENEZES

Aula inaugural da Faculdade de Ciências
Sociais e Políticas.

1.

Ortega y Gasset, o fino ensaísta de *Deshumanización del Arte* e de tantas outras páginas sagazes de penetrantes análises das ideias, agrupou os homens em duas grandes classes: a dos *ocupados* e a dos *preocupados*, isto é, a dos que se absorvem, magnetizados nos negócios, fechados no interesse imediato, e dos que meditam o perfil do futuro, buscando no passado as raízes dos problemas da atualidade, adivinhando as perplexidades *in statu nascendi*.

A história é a política do passado, como a política é a história do presente, diz Friedmann. Mas o intelectual autêntico, o que não se escravizou aos interesses do momento, levanta-se acima da rotina e do cotidiano: o estudo dá-lhe horizontes com dimensão histórica: então, êle ocupa-se com antecedência, *preocupa-se*. E o que aparece aos olhos de todos como fruto da vontade dirigente exercitando o mando político, surge-lhe como re-

sultado de um movimento histórico mais ou menos compacto, que faz desaparecer as personalidades creadoras, reduzidas a meras expressões das fôrças que se desentranham, e crescem, e se expandem em novas formas sociais.

Na polêmica famosa entre Mitre e Fidel Lopez, disse aquele que “la historia se escribe y se adelanta siempre”. Melhor diríamos: sempre se está reescrevendo. O passado é reconstruído à luz da experiência presente, recriado a cada período da civilização pelos historiadores que pensam influenciados pela situação em que vivem. Reescreve-se, destarte, constantemente, a história da Grécia. Dir-se-ia que cada época tem a Grécia que merece. Será então a história algo de fictício, de inventado, ao sabor dos interesses das *élites* pensantes postas a serviço das *élites* dominantes? Já houve quem assim simplificasse o problema, por incapacidade de descer-lhe às raízes. É uma ilusão rotunda. O pedagogo alemão Schem, num Congresso de educadores, logo após a segunda guerra mundial, declarou, peremplório: “nós não somos objetivos, somos alemães”. E sabe-se que o partido nazista reescreveu a história para seu uso; para redimir a humanidade, começa por queimar os livros de Goethe e Heine.

2.

A tese é de um simplismo alarmante — mas não é de todo em todo errônea. Contém seus grãos de verdade, como tóda falsidade bem elaborada.

Reescreve-se constantemente a história — porque o presente, expansão do passado, é a revelação das formas embrionárias do passado a se expandirem na maturidade plena do presente, que, por sua vez, manifesta novos embriões a serem desenvolvidos. A idade média, no funcionamento de suas instituições, só pôde ser mais bem explicada e compreendida quando o capitalismo, que bolia em seu seio, quebrou aqueles quadros jurídicos

e configurou-se socialmente. As tendências ainda indecisas, embriològicamente confusas, maturaram, consolidaram, *apareceram*. Relações, que se não tinham definido, revelaram-se. Como adivinhar, nas formas transitivas do feto, as funções sexuais e lógicas do adulto? Como discernir, na semente, o roble que encherá o espaço. Ou como prescrutar, na gema do ovo, o bico e garras da águia futura? A evolução não é *emboitement*, isto é, um engavetamento sucessivo de formas que se vão desentranhando umas das outras. O presente não é *apenas* o passado: tem *algo* mais, que supera o passado. Êsse *plus* é o saldo positivo, que assinala o processo creador, quer na natureza, quer na sociedade.

3.

Eis por que é mais fácil inverter o processo — e dizer que o presente é que explica o passado. Assim, regredimos da forma adulta e plena, onde tôdas as virtualidades se realizaram, para as formas difíceis e primárias, onde estão *in fieri*, e portanto indefinidas e indeterminadas nas suas notas e caracteres essenciais. Mas, ainda assim *cave a consequentiarii*, como advertia Leibniz. Cuidado com a dedução formalizante e simplificante! Porque, pelo mesmo processo simplificativo, poderíamos supor que o presente, explicando o passado, negaria o valor científico da história, variável em função da experiência crescente. Essa modificação de perspectiva histórica não é arbitrária, produto da fantasia, mas aclaração sucessiva, consciência crescente da humanidade que se afirma como *genus humanum* e poderosamente adquire o sentido profundo do Universo, da Vida e do Homem.

4.

Nesse crescimento de consciência histórica da unidade do

destino humano, que papel desempenham aquelas duas classes de Ortega y Gasset?

Restrinjamos mais: qual o papel do *intelectual*?

Os homens ocupados são a grande classe que trabalha nas diversas atividades ligadas à produção e reprodução das coisas materiais, na sua troca, na sua repartição, em suma, nos mecanismos institucionais através dos quais se efetiva a convivência humana. Ao lado dêstes e nestes, há os que analisam e estudam essas atividades participantes, a seu modo, daqueles mecanismos.

Ao lado do produtor de *utilidades*, está o produtor de *idéias*. Repitamos, o intelectual, o preocupado. Essa ocupação antecipada só é possível por causa do sinal que anuncia e prenuncia o fato, isto é, por causa da idéia. Para sua função técnica de gerador e disseminador de idéias, o intelectual exige, como condição preliminar, a liberdade, que é o oxigênio vital da cultura. Então, insere-se, de chofre, no coração do drama atual: para assegurar privilégios, subtráem-se as prerrogativas de liberdade de pensamento firmadas nas constituições para evitar que as massas descontentes encham os parlamentos de demagogos que prometem a abundância e a felicidade. Mas há também os que tratam de enchê-los de simples serviçais de interesses privados. Os que ainda encarnam aspirações públicas, desejam dilatar a esfera intervencionista do Estado, criando novo Direito público — *contrôles* cambiais, monopólio do comércio exterior, sindicalismo que se entrosa na máquina estatal, etc.

O perigo é que o *contrôle* não pode esbarrar no plano econômica: terá de agir nas consciências, como ponto básico. A planificação, ensaiada no plano da economia, avança para o campo da inteligência.

Aqui, a dificuldade toca o seu *punctum dolens*.

A planificação das idéias não pode obedecer à mesma pauta da planificação das latas de sardinha ou do feitiço das camisas. A disciplina econômica para satisfação do estômago apazigua e rejubila a massa, que aspira comer; mas a disciplina para uniformização do espírito aniquila o espírito. Não há *élites* pensantes sem atmosfera crítica, e não há crítica sem liberdade. Pensar já é ato que ressalta de uma situação problemática, de uma circunstância de conflito, a que se exige resposta adequada. Quando a resposta do organismo está condicionada pelo ambiente e basta para solver, ajustando-o ao estímulo, os mecanismos afetivo-instintivos satisfazem a situação utilizando os recursos do comportamento hereditário. É somente quando tais respostas falham, não alcançam reajustar e satisfazer, que interferem mecanismos mais altos de conduta interna, — e entra em cena uma experiência sutil, que o meio cultural ajudou a coordenar e aperfeiçoar, num largo processo que transcende o equipamento biológico porque se integra nas formas de ação de nível histórico, no plano complexo da convivência socialmente organizada. Pois nesse plano é que se pensa, porque, mais do que nunca, estamos convencidos da *natureza histórica do ato de pensar*. E “pensar” é imanente à situação de indivíduo, assomando a perspectiva histórica, então os mecanismos de ação escapam da alçada individual, para surdirem como problema dos homens de governo, do domínio do Direito público.

A vida do pensamento, que é a vida do espírito, é estimulada nessa ambiência cheia de conflitos. A vida vegetativa pode padronizar-se nas planificações; a vida da mente, jamais. Onde a economia ascende pela uniformidade, o espírito desaparece. O estômago estatiza-se; o espírito sucumbe: eis o dilema edipiano.

E o intelectual, ameaçado de converter-se em um títere do

partido único, seja fascista ou comunista, quedará na posição de um glosador de texto, um boneco de engonço na máquina de dominação, um apologeta da ideologia política.

Meus amigos, *voilà l'ennemi*: êles são os adversários da livre pesquisa da verdade, da metodologia científica, do respeito à personalidade humana no seu mais alto sentido — a que tem, como atributos essenciais, os direitos da reflexão serena, os direitos da Razão.

E todo extremismo confisca êsses direitos.

6

As *élites* intelectuais são as mais sensíveis às mutações históricas: as antenas espirituais apanham vibrações cósmicas que mal enrugam ondas longínquas no porvir, ainda sumidas nas madrugadas insuspeitadas. Todo dia elas, as *élites* do pensamento, estão demonstrando a inserção social do pensamento na História — porque, como já disse, pensar é um ato histórico por excelência. São históricos a Sociologia, a Política, a Psicologia, a Ética, o Direito, como formações ideológicas das culturas, síntese do esforço conjugado dos homens. Tudo que constitui paisagem cultural — criação jurídica ou criação bélica, “*corpus juris*” ou arma atômica, *Nona Sinfonia* ou ciclotron, algo que não é natureza, mas inteligência conjugada a circunstâncias históricas definidas, cristalização luminosa da energia humana, — é Espírito.

Espírito é História.

Porque é sentido. E sem história, o nexos humano das coisas se esvanesce. Nas Ciências sociais, o sentido histórico é íntimo e inabluível. Tôda a parte teórica das ciências, a sua sistemática, é uma promoção daquele historicismo ao plano abstrato, eliminada a dimensão temporal, para que se obtenha a interdependência funcional e se formulem leis físico-matemáticas,

leis sincrônicas, que revelam o mecanismo das relações entre os fenômenos. Mas esquece a outra grande categoria de leis, as diacrônicas, que nos explicam o desenvolvimento, o *processus*; e é com essas que os problemas ganham concretude, ganham objetividade, ganham sentido humano, porque se configuram na experiência social cristalizada na História.

7

Daí a necessidade imperiosa de ativar o estudo da análise social das idéias ligado à Sociologia, à Economia Política, à Ética, ao Direito, à Antropologia, no desígnio de minorar os sofrimentos humanos e atenuar as tremendas desigualdades agravadas.

Mas em vez dessas *élites* científicas — que ocorre no cenário político?

As *élites* do interesse — *élites* ocupadas, não preocupadas, magnetizadas pelo *cumulari pecunias*, com a psicologia dos que estão liquidando a massa falida de uma civilização na mais pasmosa das inconsciências.

São *élites* de sentido histórico obturado, dotadas de notória insensibilidade às idéias, vogando às tontas na maior transformação política de todos os tempos. *Élites* que, baldas de preparação científica, entregam-se repentinamente, a todos os misticismos, caem no regaço dos obscurantismos mais sórdidos, frequentando macumbas e *candomblés* em massa, aceitando as superstições mais estupidas, da pagelança ao existencialismo, — incapazes, falidas, violentas.

Em mão de tais *élites* cujo instinto de conservação, transviado, atrofiou o espírito público, tão poderoso nas antigas *élites* do Império, as que constituíram a nossa grande nacionali-

dade, — tudo se converte no instrumento de mistificação, falseando-se os regimes, que não logram atender às necessidades coletivas e inibir as minorias tangidas pelo egoísmo desenfreado da *cupiditas dominandi*.

8.

Grande área da imprensa dividiu-se em parcialidades agueridas em torno de grupos cuja fumaça demagógica oculta, na parenginosa, os verdadeiros móveis das ações privadas. O parlamento se enche de contingentes de aventureiros — e a luta eleitoral, pela sua competição travada crûamente em termos de dinheiro, assume o aspecto de venalidade inominável, um grande e buliçoso leilão da consciência cívica. Quem desmoraliza a democracia, — se o mecanismo eleitoral, corrompido pela finança desviada dos seus fins legais, deixa de refletir o sentimento e o pensamento da maioria da nação, soterrada no aluvião adventício dos vendilhões jogando o destino da Pátria, na túnica da Messalina política? Quando, porventura, um golpe derruba essas exterioridades vazias de instituições cuja substância política já foi comida, — de quem a culpa? Onde os responsáveis pela sorte da democracia? Onde as causas dêsse falseamento da base social do poder, condição *sine qua* da vitalidade democrática?

A lição romana, através das côres locais específicas da dissolução da República, continua como uma advertência ao longo dos séculos. Quando sôa a hora de Cesar, Cesar aparece. A classe senatorial, na velha Roma, afiou seus punhais na sombra, para abater o admirável soldado com vinte e três punhaladas, aos pés da estátua de Pompeu. Era a libertação do povo romano... E quem representava a comédia de libertar o povo romano? O patriciado que temia sua liberdade, que temia o progra-

ma de Cesar, já iniciado com *Lex Julia agraria*, a instituição do colonato na África, a regulação dos salários, os direitos quiritários ampliados...

9

Andam alguns *quirites* inquietos — e simulam pavor patriótico aos golpes de Estado que aniquilem instituições que êles mesmos, na caçada venalizadora do voto, estão de há muito crucificando aos olhos pasmados da opinião pública. E sobretudo atribuem cavilosamente ao Chefe do Estado a responsabilidade de tudo: dos êrros dos partidos, da hipocrisia dos demagogos, das simulações da oposição, ressentidos ainda com êsse obscuro instinto popular, que conduz, por uma espécie de tropismo desconhecido, a admiração das massas para a personalidade excepcional de Getulio Vargas, que é a maior revelação de estadista de toda a história republicana. Disse o sociólogo Gilberto Freyre, quando o Govêrno era nascente, que seria uma catástrofe nacional se sossobrasse a atual administração do país, o que não esperava o bravo sociólogo de “Aventura e Rotina”. Ao entardecer do Govêrno, não faltarão valentias para vaticinar misérias. Agora me apraz repetir o que o eminente sociólogo disse ao madruguar da situação política; e no recrudescer dos tambores, que rufam para o aliciamento político, são êles mesmos, os que mais gritam, que estão cavando, com unhas noturnas e diurnas, com ativa voracidade histórica, a queda das instituições, que pretendiam defender.

Tal a paisagem desolada e rumorosa. Não trago receitas. Mas creio nalgumas normas. Creio nas *élites* de reflexão e de estudo, capazes de ver com próprios olhos, acima do interêsse dos grupos. De ver a Nação. De possuir o sentimento da Pátria. De sentí-la como realidade histórica no passado e no presente.

De senti-la no coração de brasileiro. De aliar êsse sentimento ao pensamento sereno. De ser *élite pensante*. Isto é, *élite* capaz de conjugar o forte sentido político da hora ao saudável vigor científico de uma compreensão clara das necessidades nacionais. Porque a hora pede a ressurreição do velho, do tradicional, do legítimo espírito cívico, que alumiou o Império e a infância da República.